



FIO JARDIM NO ESPELHO: UMA ANÁLISE DE *CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE* (2018) DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Garden thread in the mirror: an analysis of *Canção para ninar menino grande* (2018)
by Conceição Evaristo

Monica da Silva Francisco¹

<https://orcid.org/0000-0001-8747-752X> 

¹Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA,
Brasil. 45650-000 – gplinguagemeracismo@ufsb.edu.br

Resumo: Este artigo teve como foco investigativo analisar o personagem Fio Jardim, da obra *Canções para ninar menino grande* (2018) de Conceição Evaristo. Por meio da análise do texto, discutimos a trajetória do personagem, a partir de seis eixos centrais: a escola, a relação com o pai, a paternidade, o trabalho, as mulheres que passam por sua vida e a amizade com Distinta Sá. A partir da narrativa, tecemos algumas considerações sobre homens negros brasileiros e a forma com que esses sujeitos constroem o modelo de “ser homem” na realidade nacional. Nosso objetivo foi pensar a formação humana do personagem por meio dos estudos sobre as masculinidades negras, raça, educação e racismo. Utilizamos como referencial teórico bell hooks (2015), Lélia Gonzalez (1984), Maria Lugones (2008), Mara Viveros Vigoya (2018), entre outros intelectuais que pensam o ser humano a partir das relações que tecem dentro da sociedade.

Palavras-chave: homem negro; masculinidades; raça; trabalho; gênero.

Abstract: This article focused on analysing the character Fio Jardim, from Conceição Evaristo's work *Canções para ninar menino grande* (2018). Through analysis of the text, we discuss the character's trajectory based on six central themes: school, his relationship with his father, fatherhood, work, the women who pass through his life, and his friendship with Distinta Sá. Based on the narrative, we offer some considerations about brazilian black men and the way in which these subjects construct the model of 'being a man' in Brazilian reality. Our objective was to reflect on the character's human development through studies on black masculinities, race, education, and racism. We use as a theoretical reference bell hooks (2015), Lélia Gonzalez (1984), Maria Lugones (2008), Mara Viveros Vigoya (2018), among other intellectuals who think about human beings based on the relationships they weave within society.

Keywords: black man; masculinities; race; work; gender.

Introdução

Conceição Evaristo é uma das principais escritoras pretas do Brasil, nasceu em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Dona Joana, empregada doméstica que, após os afazeres, cuidava de seus nove filhos e contava “histórias aos pequenos e ainda lançava muitas delas em cadernos grafados a lápis” (Duarte, 2006, p. 305). Evaristo fala

que sua mãe sempre foi muito exigente quanto ao futuro dos filhos, tanto que os matriculou numa escola mais distante de sua casa, pois o ensino ofertado na localidade era “diferenciado para pior” (Evaristo, 2009, p. 3). A autora disserta que, mesmo oriunda de uma família semianalfabeta, as narrativas e palavras sempre estiveram presentes dentro de sua casa:

A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais (Evaristo, 2009).

No depoimento da autora, observamos a importância das palavras, narrativas e trajetórias sobre a população preta, pobre e periférica presente nas vivências dos tios, tias e amigos da romancista. Essas histórias, ouvidas desde a infância, contribuíram para a construção de personagens negros reais, para além dos estereótipos presentes na literatura brasileira, de modo que, ao mesmo tempo, conta-se as histórias de resistência e memórias das populações historicamente excluídas, que assumem vozes nas obras da autora.

Nesse contexto, escolhemos o romance *Canção para ninar menino grande*, obra de Conceição Evaristo, publicado em 2018, o quinto romance da autora, célebre por seus livros e poemas. Nessa obra específica, a escritora inova ao trazer um sujeito do gênero masculino como protagonista de uma história contada por mulheres que narram as vivências com o personagem.

Na história, Fio é um homem negro, ferroviário, casado, que, durante toda a sua vida, esteve envolvido com diversas mulheres e, a partir das narrativas conduzidas por elas, conhecemos as múltiplas facetas do personagem, as histórias em que ele se envolve em busca de aventuras sexuais, uma vez que, desde rapazinho, foi ensinado pelo pai que a virilidade era intrínseca à masculinidade.

Utilizamos o personagem para pensar os homens negros, por meio da figura multifacetada de Fio Jardim, o qual compreendemos como a personificação de vários homens negros. Utilizo como referencial teórico bell hooks (2015), Lélia Gonzalez (1984), Maria Lugones (2008), Mara Viveros Vigoya (2018), entre outros intelectuais que pensam o ser humano a partir das relações que tecem dentro da sociedade, somado aos estudos de raça, gênero e educação para pensar os homens pretos com todas as suas complexidades.

No livro *Canções para ninar menino grande* (2018), Fio Jasmim é um dos poucos protagonistas masculinos presentes nas obras de Conceição Evaristo, uma das mais importantes escritoras negras da literatura afro-brasileira, que possui uma escrita marcada por personagens femininos fortes. A autora é criadora do termo escrevivência, definido por

ela como “uma escrita que é profundamente comprometida com a vida, é profundamente comprometida com a vivência” (El País, 2017).

Inicialmente, o personagem é descrito como o destinatário das inúmeras cartas de amor enviadas por Juventina Marina Perpétua, a qual foi, durante anos, sua amante, escrevendo para ele a música “Canção para ninar menino grande”. Fio Jasmim é casado com Pérola Maria, sua esposa desde a juventude e com quem “tinha oito filhos em véspera do nono” (Evaristo, 2018, p. 35). Além disso, possuía filhos fora do casamento com Dolores, Antonieta e Dalva, circunvizinhas que afirmavam que ele era pai de seus filhos, prole que, embora ele não assumisse publicamente, também não desmentia a narrativa das mulheres. Além destes, Fio Jasmin tinha outros filhos desconhecidos, oriundos de suas aventuras com diferentes mulheres de várias regiões do país, que “distante geograficamente ou perdidos no passado, ficaram como se nunca tivessem existido” (Evaristo, 2018, p. 38).

A narrativa de Fio Jasmim pode ser pensada por meio de espaços temporais presentes na história do personagem e que marcam a sua jornada, seu olhar para o mundo e sua relação com o mundo a sua volta. Desse modo, construímos o seguinte texto a partir de seis tempos-espacos vividos pelo personagem: a escola, a relação de Fio com o pai, a paternidade, as relações com os colegas de trabalho, as mulheres e, finalmente, a relação de amizade com Eleonora Distinta Sá.

A escola

Conceição Evaristo (2018) conta que, quando Fio Jasmim era menino, foi impedido pela professora de fazer o papel de príncipe na peça da escola devido à cor de sua pele, de modo que, para exercer o cargo, foi escolhido um garoto branco. O evento, muitas vezes rememorado ao longo do romance, tornou-se um trauma constantemente revivido pelo personagem, causando transtornos até a sua vida adulta.

As pesquisas de Francisco (2018), Carvalho (2004a, 2004b), Cavallero (2000) apontam os preconceitos vivenciados pelos meninos negros dentro dos espaços educativos e a ausência de medidas por parte da instituição como os maiores causadores do fracasso escolar desses sujeitos, uma vez que, desprotegidos dentro do ambiente escolar e sofrendo violências físicas e psicológicas, esses sujeitos desistem de continuar estudando.

Esse fato, ocorrido quando ele tinha oito anos de idade, é rememorado por Fio durante sua juventude, no sentido que, a partir das relações com as mulheres, este se tornava um Príncipe Negro, igual a seu coleguinha branco. Esse elemento mostra o quanto devastador pode ser o racismo para uma criança negra, uma vez que a discriminação produz traumas na vítima, causando um grande impacto nas vítimas e trazendo uma falsa hierarquia em relação as cores das pessoas, uma vez que a cor preta, a mais escura, é colocada como inferior.

Viveiros (2018), observa que “a cor é um signo que transmite mensagens, provoca sensações em relação a diferença e põe em evidência as analogias que impregnam nossa linguagem e forma de pensar e atuar frente a ela” (Viveiros, 2018, p. 26). Essa realidade é

percebida por Lugones (2008) ao atrelar os processos históricos de violências físicas, espoliação de bens, invasão de seus territórios e genocídios sofridos pelos indígenas e africanos, a cor de sua pele, pois a partir do colonialismo, a cor passa figurar como o principal diferenciador dos seres humanos, uma distinção para os povos brancos, considerados seres humanos, e por isso capazes de decidirem o presente da humanidade e um espaço de subserviência para as populações não brancas, sendo retroalimentado pelas teorias racialistas do século XVIII.

“Sendo príncipe das mulheres, Fio se via tão homem quanto seu coleguinha branco, e assim como ele poderia conquistar todas as mulheres.” (Evaristo, 2018, p. 56). Anjos Filho e Neufeld (2024, p. 1) afirma que um dos sintomas do trauma racial é reviver o evento: “reexperimentar o evento racialmente traumático pode incluir memórias angustiantes e lembretes do trauma, pensamentos intrusivos e até mesmo flashbacks ou pesadelos”.

O acontecimento da escola, fez com que Fio passasse a associar “ser príncipe” à conquista das mulheres, uma vez que, já adulto, não haveria nem a diretora, nem a professora nem outras crianças que o impedissem de ocupar esse lugar. A concretização do desejo de ser príncipe, que foi negado na infância, materializa-se na vida adulta quando se torna um conquistador.

O desejo de ser príncipe, tal como o coleguinha branco, nos possibilita entender a centralidade das relações de poder e de raça vivenciadas por homens negros e brancos na sociedade brasileira, marcada por um profundo ódio a população de pele preta (Francisco, 2018), assim como as assimetrias e hierarquias as quais os homens negros estão submetidos em todas as questões.

De acordo com Francisco (2022), em quesitos fundamentais como saúde, educação, empregabilidade e habitação, os homens negros são alijados de direitos, ocupando as piores ocupações, permanecendo menos tempo dentro da escola, acessando menos a saúde pública brasileira devido as dificuldades de equilibrar a empregabilidade e os direitos fundamentais, somado ao grande quantitativo de homens vivendo em situação de rua; enquanto os homens brancos, secularmente, ocupam os espaços de prestígio e poder, perpetuando a dominação de povos não brancos.

Desse modo, o personagem, ao tornar-se príncipe das mulheres, sai do espaço subjugado da negritude e torna-se homem igual ao menino branco, o que lhe permitiria uma igualdade de posição e disputa, rompendo com o processo de racialização e marginalização imposto à população negra e tornando-se humano, condição atribuída ao grupo racial branco.

A paternidade

No livro *Canção de ninar menino grande*, a paternidade é uma realidade na vida do personagem. O primeiro filho é fruto do romance com Neide Paranhos, que “um dia, pediu em sã consciênci que Fio Jasmim fizesse um filho nela. Ele, temeroso, tentou recusar. Sabia que a moça era virgem e ele já estava comprometido em casamento com outra? Ele

era um homem quase casado" (Evaristo, 2018, p. 23). Embora Fio não quisesse, se rendeu aos apelos da moça e ela, consciente de que engravidaria, teve posteriormente o filho, o qual assumiu sem dizer ao filho sequer o nome do pai.

Além dos filhos nascidos no casamento, que contavam nove somados ao que Pérola esperava, Fio possuía outros filhos na vizinhança. Alguns herdavam suas características e outros, a mulher com quem teve filhos, procurava na prole a fisionomia do príncipe negro, mesmo que Fio não os reconhecesse legalmente dentro da sociedade.

Ana Liési Thurler (2004) descreve a deserção da paternidade como um fenômeno socialmente construído por via histórica, política e jurídica, envolvendo questões de cidadania, de relações de gênero e de efetivação da democracia. Nesse aspecto, numa sociedade patriarcal como a brasileira, o modelo tradicional de família embasa-se no casamento legal, no papel do homem como provedor, na submissão feminina e nos filhos nascidos dessa união. De modo que é social e culturalmente normatizado que a prole nascida fora do arranjo matrimonial possa ser privada de direitos. Para a autora:

O não reconhecimento da paternidade é uma prática não democrática e sexista que, no século XXI, nos dá notícias do patriarca de idos tempos, que controlava sua descendência acolhendo ou repudiando os filhos, arbitrariamente. O pai desertor não nos coloca, portanto, uma questão pessoal, individual. Assim como, por meio do jogo de relações sociais, nós o construímos e naturalizamos, podemos também coletivamente desconstruí-lo e desnaturalizá-lo (Thurler, 2004, p. 4).

À representação de paternidade de Fio, mesclam-se dois papéis sociais que Viveros (2018) nomeia como cumplidores, em que o homem desempenha o papel de responsável por prover a família, como mostra o fragmento: "Assim, Fio Jasmim, homem trabalhador desde muito jovem, namorador também, bom marido, cumpridor dos deveres de pai, principalmente com os filhos nascidos do casamento" (Evaristo, 2018, p. 70). Dentro do contexto do livro, prevalecia na mentalidade do personagem que somente os filhos com Pérola Maria deveriam receber amparo financeiro.

Ao mesmo tempo, Fio é apresentado no texto como "quebradores (homens sempre prontos para a festa, a dança e o sexo, mas irresponsáveis como pais e cônjuges)" (Viveiros, 2018, p. 28). A postura de Fio com as mulheres aponta a irresponsabilidade como característica de sua personalidade por ter filhos com várias mulheres diferentes e não reconhecê-los, como também não possuía uma relação de afeto com os filhos, de modo que "ele nem prestava atenção ao crescimento dos filhos" (Evaristo, 2018, p. 97).

Em relação aos filhos fora do casamento, Peraro (2000) afirma que "crianças ilegítimas e abandonadas constituíram-se, ao longo dos séculos, em fenômeno característico da sociedade brasileira" (Peraro, 2000, p. 2), podendo ocorrer de duas maneiras distintas: o abandono paterno (quando, após o término da relação afetiva, o pai se exime de todo tipo de responsabilidade financeira) e a deserção de paternidade, em que o genitor se exime da responsabilidade de efetuar o registro civil da criança.

O comportamento do personagem insere-se no modelo social tradicional em que "a

atuação do pai tende a ficar limitada à sua condição de provedor e outras facetas de sua conduta nas relações domésticas, inclusive no plano da expressão dos afetos, são colocadas em segundo plano, como se não existissem papel do homem" (Abade; Romanelli, 2018, p. 5). Esse modelo é muito comum na sociedade brasileira, principalmente entre os homens das camadas populares que saem de casa muito cedo, voltam muito tarde para casa e, quando chegam, seus filhos já estão adormecidos.

Tal pai, tal filho

O pai do personagem aparece como o mestre que ensina Fio como um homem deveria se comportar com as mulheres, nas conversas de homem para homem que tinha com o filho quando ele se tornou rapazinho. Na obra, a relação de Fio Jasmim com o pai, Máximo Jasmim, é marcada pelo sexismo, em que o comportamento tem como base a genitália e gênero (Gonçalves, 2019, p. 56). O pai o ensinou, "quando ele ficou rapazinho, como conquistar as mulheres. Lembrava do silêncio da mãe [...] e da retirada dela de perto do marido, quando a conversa era de homem para homem" (Evaristo, 2018, p. 93).

O pai lhe ensinou "que o homem, macho, nada tinha a perder" (Evaristo, 2018, p. 93). A percepção de Máximo se liga à questão biológica em que o falo seria a representação do poder. Embora não haja uma marcação cronológica que identifique a época do livro, o discurso dos personagens remete às ideias sexistas antigas, mas ainda bem vigentes na sociedade brasileira, sobre os papéis sociais e sexuais de homens e mulheres, de modo que, dentro da "matriz heterossexual, a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados". (Butler, 2003, p. 216).

Nesse contexto, foi normatizado que o homem deveria ter várias aventuras性uais, assim, Fio, com "quase 20 anos de casamento marcado com Pérola Maria, já tinha conhecido várias mulheres" (Evaristo, 2008, p. 31). O comportamento de Fio, ensinado por seu pai, remete ao conceito de gênero pensado por Butler (2003), em que

A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. (Butler, 2003, p. 26).

A autora observa a ligação dos significados de gênero com a determinação sexual baseada na diferença da genitália entre homens e mulheres e, a partir daí, a cultura passa a instituir que homens e mulheres passem a se comportar diferentemente em virtude da genitália.

Para Fio, "ancorar seu corpo no corpo de diversas mulheres" (Evaristo, 2018, p. 67) foi uma prática ensinada por seu pai, que atrelava a masculinidade à quantidade de mulheres com que o homem se relacionava intimamente. Assim, desde cedo, Fio foi orientado por seu pai a ter muitas experiências性uais e "se que dava no corpo de outras

mulheres. A cada encontro se pensava mais macho e, portanto, mais feliz" (Evaristo, 2018, p. 67).

Compreendemos que o pai de Fio possuía uma visão de mundo que ensinava ao filho que, quando ele ficasse mais velho, deveria ter sempre seu corpo disponível para as relações sexuais. Assim, Fio cresceu com essa perspectiva em torno de si mesmo, utilizando o membro sexual como fonte de masculinidade e felicidade.

Tendo sido ensinado pelo seu pai sobre "ser homem", Fio contava seus encontros para os jovens inexperientes da cidade, e as narrativas das aventuras性uais alegravam o progenitor, já idoso, pois, ao ouvir os casos do filho, "saudoso das façanhas do passado, se reconhecia na virilidade do filho" (Evaristo, 2018, p. 78) e se imaginava vivendo esses encontros em que seu membro era desejado pelas mulheres.

Outro ensinamento do genitor de Fio era sobre a escolha de uma mulher para casar, e todas as outras serviriam apenas para aventuras. Seguindo esse conselho, Fio casou-se com Pérola Maria, que tinha como maior felicidade parir filhos. A mulher vivia com o marido, sabendo de suas frequentes traições, e, de vez em quando, chorava de tristeza. Nesses momentos, Fio a consolava, dizendo que ela era a pérola, enquanto as outras eram pedras de nenhum valor.

O casamento de Fio e Pérola aponta um modelo de relacionamento baseado em ideias de gênero sobre a forma como a mulher deveria ser, com os papéis bastante definidos de como seriam as performances de cada um, e a esposa encarnava "o ideal romântico da mulher passiva, mesmo que esse atributo seja conquistado como um ideal de feminilidade" (Moreira; Maia, 2010, p. 1-2).

As relações de trabalho

Historicamente, no Brasil, a população negra vive desigualdades sociais no campo do trabalho tanto no acesso quanto na permanência no mercado formal. Para Zucchi (2006), em todas as regiões do país, a população negra apresenta desvantagens em todas as áreas de trabalho e ramos de atividade.

Nesse tocante, o relatório *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil* (2022) sinaliza que

Em todos os anos estudados, a desocupação e a subutilização foram sistematicamente inferiores para as pessoas de cor ou raça branca. As taxas de desocupação e de subutilização foram maiores entre as pessoas pretas ou pardas, independentemente do nível de instrução considerado (IBGE, 2022, p. 3).

No romance de Evaristo (2018), o trabalho de Fio na companhia ferroviária era comum dentro de sua família; seu pai também havia trabalhado na mesma profissão. O emprego do protagonista numa empresa de trens retoma a história dos trabalhadores e das ferrovias no Brasil: "vários negros passaram a trabalhar na estrada de ferro, por exemplo, levaram a melhora nas suas condições de vida em decorrência da ferrovia [...] sendo

incorporados à mão de obra assalariada” (Monsma, 2016, p. 78).

O personagem é descrito como um jovem de dezenove anos, trabalhador, que começa a aprender o ofício com os maquinistas mais experientes e passa a fazer viagens pelos interiores de Minas Gerais. Na primeira menção à viagem de Fio, os colegas se encarregam de apresentar a localidade e contar sobre os costumes e a cultura do lugar.

A trajetória do personagem se assemelha às vivências de muitos jovens negros das classes populares que começam a trabalhar desde cedo e, muitas vezes, não conseguem dar continuidade aos estudos, devido à necessidade de compor a renda familiar ou ter independência financeira.

Para hooks (2015, p. 3)

Jovens negros vêm sendo socializados para acreditar que a força e a resistência física são tudo o que realmente importa. Esta socialização é tão presente no mundo atual quanto durante a escravidão. Preparados para ser mantidos como membros permanentes de uma subclasse, [...] homens negros sem privilégios de classe sempre têm sido os alvos da deseducação.

A escrita da autora aponta para a realidade social presente desde o processo de colonização nas Américas, em que os homens negros executavam trabalhos físicos extenuantes, primeiramente enquanto escravizados, e, na atualidade, o discurso racialista sobre a força física dos negros socializa os jovens para os trabalhos menos valorizados. A persistência desse discurso e a pobreza naturalizam que esses sujeitos continuem sendo a base da pirâmide.

Durante um encontro amoroso, Fio perde a hora e atrasa o horário do transporte dos passageiros, criando um grande problema para os colegas. Os maquinistas ficam furiosos, com medo de perderem o emprego e das questões que poderiam decorrer desse problema.

Homens não podem falhar, não podem perder a hora e, se adoecerem, devem avisar antes para serem substituídos ou então trabalhar doentes, para morrerem segundos depois ao deixarem o posto de trabalho. Como Fio Jasmim cometera tamanha irresponsabilidade? Aquilo não era papel de homem, não era... (Evaristo, 2018, p. 67).

A frase dos colegas de Fio apresenta questões interessantes, primeiramente, sobre a percepção desses sujeitos sobre o espaço subalternizado que ocupavam no posto de trabalhadores que poderiam a qualquer momento ser descartados dentro do sistema capitalista. O lugar subordinado que os homens pobres ocupam dentro das estruturas capitalistas, Connell (1995) nomeia como masculinidades subordinadas, de modo que todos os sujeitos não hegemônicos são dominados pela masculinidade imperante.

Nesse tocante, Oliveira, Valdivieso e Castro (2024) observam que “as masculinidades subordinadas abraçam um espectro amplo e diverso de sujeitos. Assim como as hegemônicas se manifestam em locais específicos, as subordinadas respondem à dominação exercida pela masculinidade imperante” (Oliveira; Valdivieso; Castro, 2024, p. 78).

O discurso dos trabalhadores mostra o reconhecimento das precárias condições de trabalho vivenciadas pelos homens das classes populares, que não podem falhar no exercício de suas atividades profissionais, “que apela ao forte envolvimento do trabalhador e, de outro, pela insegurança no emprego devida ao desenvolvimento da flexibilidade do trabalho e ao aumento do desemprego” (Hirata, 2001, p. 142).

A segunda questão que aparece no texto é a ligação da masculinidade ao trabalho. Para os homens negros como Fio, o trabalho ocupa um ponto central em sua vida, moldando sua personalidade e comportamento. Nessa perspectiva, dentro de uma sociedade capitalista e generificada, o homem passa a ser reconhecido e se reconhecer por meio de sua inserção no mundo do trabalho. Ser homem nessa concepção está ligada à capacidade de trabalho pesado “que requer coragem e determinação, como um dos elementos de sujeição dos corpos masculinos ao modo de produção capitalista” (Albuquerque, 2024, p. 2).

Francisco (2022) pontua que, nesse quesito, existe uma dupla pressão sobre os homens de pele preta no mercado de trabalho devido aos estereótipos racistas que atribuem a esses sujeitos características como preguiça, indolência que remetem às teorias racialistas do século XVII, e modo que a dominação no mercado de trabalho pesa, sobretudo, sobre homens negros que, como Fio, ocupam as vagas de trabalho menos escolarizadas e remuneradas.

Fio e as mulheres

As mulheres têm uma importância central no livro, tecendo com fio relações de amor, sexo, erotismo. Pérola Maria surge inicialmente como a noiva. Na véspera do casamento, seus pais tomam conhecimento de que uma mulher havia se matado por causa de Fio e aconselham que a filha desista do casamento. Ela prefere "classificar todas as informações como um nocivo disse-que-me-disse, inveja de outras mulheres que desejavam estar no lugar dela" (Evaristo, 2018, p. 32) e contrai as núpcias. Durante o casamento com o protagonista, ela sabe das constantes infidelidades do marido e, a cada descoberta, engravidava de Fio.

Com a esposa Pérola Maria, Fio possui uma relação de respeito que, embora exclua a fidelidade, ele considera a esposa o porto seguro que ele retorna sempre.

Fio Jasmim tinha uma indubitável certeza do amor de Pérola Maria. Ele afirmava o sentimento que a esposa nutria por ele aos quatro ventos. Tinha tanta certeza que, quando partia para novas conquistas, nenhum esforço fazia em busca de bons resultados. Caso não conseguisse, pensava Fio Jasmim, Pérola estaria em casa, sempre aguardando por ele. Para Fio, Pérola não oferecia enganos (Evaristo, 2018, p. 67).

O matrimônio de Fio Jasmim baseava-se no amor que a esposa possuía por ele, sendo capaz de divulgar esse sentimento por todos os lugares, de modo que as relações extraconjugaís eram aventuras em que ele não usava afinco para realizar, pois a esposa

estava em casa esperando.

Aponta-se que homens e mulheres compreendem a infidelidade de forma distinta. No caso de Fio, as aventuras vivenciadas pelo personagem desde a juventude mostram uma faceta muito ligada à sexualidade, que via nas relações: interesse em variedade e maior frequência sexual; sedução; contexto social do personagem, crescer dentro de uma cultura que naturaliza a infidelidade a partir da educação recebida de seu pai e do ambiente de trabalho.

O casamento de Fio com Pérola retrata o modelo de casamento das décadas de 1940 e 1950, em que os papéis de homens e mulheres eram bem delineados, pois havia um discurso vigente na sociedade sobre o comportamento esperado para as mulheres, que girava em torno da gestão do lar e criação dos filhos, e os homens eram responsáveis pelo sustento da família.

As outras relações de Fio eram marcadas pela independência afetiva e sexual das mulheres. Neide Paranhos, a moça herdeira dos Paranhos da Silva, tinha um comércio próprio e formava uma das poucas famílias negras donas de terras da região (Evaristo, 2018, p. 20), assim, nunca teve interesse em relação ao estado civil de Fio. A moça suspeitava que ele fosse noivo ou casado. Se ele tivesse compromisso, não tinha importância, ela jamais casaria com ele ou com ninguém: “Poderia até ter filhos, mas não queria ser esposa de ninguém. Nem do Príncipe Negro.” (Evaristo, 2018, p. 22). O único desejo de Neide era ter um filho que ela criaria sozinha, junto de sua família, e assim o fez, nunca contando para Fio sobre a existência do menino. De modo que ela rompe com a estrutura patriarcal com que foi criada ao decidir sobre sua própria vida.

Na relação com Juentina, que ele conheceu quando ela tinha dezoito anos, o personagem mantém um relacionamento sem compromisso, que envolve erotismo e sedução. Juentina sabia que Fio era casado e não desejava nem casamento e nem filhos com ele. O único incômodo de Fio era o excesso de atenção que Juentina lhe dedicava. Ele sentia-se aprisionado naquele amor, que, no final do caso deles, se materializou em cartas. “Tina lhe escrevia quase sempre. Ele tinha inúmeras cartas dela e não sabia mais o que fazer com tantas folhas. Muito menos, com o amor da moça.” (Evaristo, 2018, p. 13).

Interessante que o personagem reage de modo distinto ao amor; o amor que a esposa nutre por ele faz com que ele se sinta acalentado e sempre disposto a voltar para casa, ao passo que o amor de Juentina fazia com que ele se sentisse preso. Inferimos que esse excesso está ligado a questões de dependência emocional de Juentina, em que ela, por meio das cartas enviadas, “descarrega” toda a sua carga sentimental, pretendendo, como resultado, preencher algum espaço que lhe é faltante (Silva; Andrade, 2017).

Com Angelina Devaneia da Cruz, ele assume o lugar do noivo esperado por ela. Durante alguns dias, vive as núpcias com a moça fingindo ser o noivo que ela esperava, passado algum tempo, a jovem descobre que ele havia mentido sobre suas intenções. Angelina não suporta ter seus sonhos de casamento arruinados pelas mentiras de Fio e tira sua própria vida. As relações de Fio com as mulheres são caracterizadas por duas questões



que circundam o livro: o trauma racial vivenciado pelo personagem na escola e o narcisismo que ele desenvolve por conta desse episódio.

Desse modo, uma chave teórica para compreensão desse sujeito seja o entendimento da profundidade do trauma racial vivenciado por ele na escola, uma vez que esse episódio marcou significativamente a vida dele, criando uma insegurança em relação a si próprio, que ele contorna por meio de seus atributos físicos, beleza, simpatia, virilidade e sexualidade, mas que precisava ser constantemente validado por meio de uma nova conquista amorosa para tornar-se o príncipe, ou seja, um homem branco.

Para Fanon (2008), “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de humano” (Fanon, 2008, p. 27). Entendemos que a frase de Fanon remete ao processo de colonização que destituiu todos os seres humanos de outros grupos raciais e étnicos de humanidade, tornando o homem branco o ser humano. Na concepção de Fio, ao ser o príncipe das mulheres, ele iguala sua posição à dos homens brancos. Após esse evento ocorrido na infância, quando o personagem torna-se adulto, assume uma identidade narcisista com as mulheres, em que ele busca nas relações uma forma de validação, não se importando com os sentimentos dessas pessoas.

Langaro e Benetti (2014) pontuam que no “narcisismo, o ego se comporta como objeto de seu próprio amor, idealizando e superestimando a si mesmo, experimentando prazer por se sentir especial e perfeito” (Langaro; Benetti, 2014, p. 200). Outra característica narcisista presente em Fio é o constante vazio que o personagem sente. Mesmo em contato com as mulheres após o ato sexual, o “príncipe negro parecia tão sozinho, tão desamparado, tão escorregadio desentimentos para além da virilidade física” (Evaristo, 2018, p. 69).

A identidade narcisista de Fio faz com que ele tenha os olhos exclusivos para si mesmo e utilize violência psicológica para atingir seus objetivos, como ocorreu com Devaneia, em que ele sabia que a moça tinha problemas mentais e esperava um noivo fictício e, sem nenhuma restrição moral, se passou pelo prometido esperado, sem pensar nas consequências do ato. Quando soube que a moça tirou a própria vida, ele não demonstrou nenhuma empatia.

A narrativa de Fio traz à tona o impacto do racismo na vida das populações pretas masculinas e de quanto a violência racial, física ou psicológica, incide na saúde psicológica dos grupos racializados. O evento ocorrido na escola impactou toda a vida adulta de Fio, criando nele um trauma que é revivido durante toda a trama, tornando-o insensível à dor das mulheres, como se dessa forma pudesse punir a professora da escola que o preteriu ao menino branco.

A amizade com Eleonora Distinta Sá

Jasmim, desde o encontro no bar, se tornaram cúmplices na solidão e selaram uma amizade, pelo tempo afora. Tinham segredos, quase iguais. [...] E, pela primeira vez na vida, Fio Jasmim se aproximou de uma mulher não para cortejá-la, e sim para pedir amparo (Evaristo, 2018, p. 85).

Eleonora Distinta Sá foi a primeira mulher que Fio olhou para além do interesse sexual. Quando encontro com ela, trouxe à tona toda a solidão e tristeza que ele carregava dentro de si. Quando a mulher contou que era apaixonada por uma ex-namorada, Fio se surpreendeu, pois nunca pensou que seria possível uma mulher amasse outra.

A surpresa do protagonista reflete ao modelo de sociedade brasileira que normatiza as relações heteronormativas, principalmente para a população afro-brasileira, que sofrem a discriminação pela cor da pele, sendo a homossexualidade feminina vista como tabu dentro das famílias negras. Uma vez dentro da cultura brasileira, a mulher negra ocupa espaços subalternos ligados ao trabalho doméstico, caracterizada na figura da mãe preta “representa o esperado da mulher negra pela sociedade branca e de classe média: resignação, passividade diante das situações de violência e opressão” (Cardoso, 2014, p. 976).

Assim, também é onipresente no imaginário coletivo a figura hipersexualizada da mulata, em que mulheres negras e pardas surgem seminuas durante o carnaval, “é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha [...] ali ela sai de seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto” (Gonzalez, 1984, p. 5).

Diante da permanência dessas “imagens de controle” (Collins, 2008) sobre as mulheres negras, encapsuladas nas representações de trabalho servil e de sexualidade, a mulher negra que não se enquadrava nesses papéis é desautorizada de existir, a “lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe” (Anzaldúa, 2000, p. 229). A não existência dessa mulher pode ser entendida ao pensarmos na tríade patriarcado, heteronormatividade e racismo que estruturam as sociedades ocidentais.

A amizade de Fio com Eleonora traz para ele uma nova dimensão de si próprio que, até então, ele não conhecia, de sua solidão em que ele mesmo vivendo com a esposa, tendo o caso com Tina, não havia percebido e das mulheres como seres que também se dissociavam do sexo e a distância da desumanização do corpo que ele atribui as mulheres

E ele, que das mulheres só se interessava pelo prazer que elas poderiam oferecer-lhe, esteve lado a lado com uma, sem querer lhe tomar o corpo. Fio Jasmim, pela primeira vez na vida, talvez tenha percebido que o mais sagrado de uma mulher pode se encontrar para além de seu corpo (Evaristo, 2018, p. 90).

O encontro dos personagens trouxe para Fio uma reconexão consigo mesmo, com partes que ele nunca havia explorado, fora do contexto dos ensinamentos paternos sobre masculinidade e das relações com os colegas de trabalho em que giravam em torno de suas aventuras sexuais. Assim, “Quando Distinta de Sá contou a Fio Jasmim partes de dores da vida dela, o homem se abismou. Ele nunca tinha prestado muito atenção aos sofrimentos dos outros, nem aos dele próprio.” (Evaristo, 2018, p. 91).

A reação do personagem à revelação dos sofrimentos de Distinta, aponta uma desconexão de si mesmo, transparecendo que ele sempre se manteve alheio aos sofrimentos dele e dos outros. Ao reduzir as mulheres as partes sexuais e só compreender

o mundo por meio do falo, Fio perde a sua humanidade ao “em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo” (Fanon, 2008, p. 188).

O trauma vivido por Fio na escola, somado à educação sexista que recebeu de seu pai, fez com que o personagem acreditasse que existia um modelo de masculinidade dominante em que “dores também não eram sentimentos para homem” (Evaristo, 2008, p. 67), de modo que ele naturalizou a não expressão de sentimentos.

Acreditamos que a amizade com Eleonora causou um profundo impacto no modo com que Fio via o mundo trazendo a ele uma percepção de si mesmo, de suas vivências e de sua solidão, a qual ele tentava contornar por meio de sucessivas relações extraconjugais.

Considerações finais

O livro *Canção de ninar menino grande* de Conceição Evaristo nos apresenta um personagem muito rico para pensar o homem preto brasileiro e a maneira com que esses sujeitos pensam o tecido social extremamente racializado e violento para esses sujeitos.

Uma leitura mais atenta da sociedade brasileira mostra como o sexism, racismo, raça, gênero e as relações de trabalho e renda constituem-se, de modo que vemos Fio Jardim como a junção de vários sujeitos que se fundem em um único personagem.

Por entender o protagonista dessa forma, achamos oportuno utilizar elementos da sociologia, educação e psicologia para uma leitura mais fiel desse indivíduo. Tendo em vista essa teoria, escolhemos dividir o texto em seis tópicos que se correlacionam: a escola, espaço psicológico que atravessa a narrativa de Fio por meio de um evento que culminou num trauma racial que ele revive diversas vezes no texto por meio da assunção do termo princípio; a paternidade e a maneira como ele conduz o prover e criar da prole nascida dentro do casamento e a indiferença que nutre em torno dos filhos nascidos fora do casamento; o relacionamento com o pai, que o ensina a forma com que deve ser comportar com as mulheres, a sua relação com as mulheres com quem ele tem aventuras amorosas enquanto mantém um casamento com Pérola Maria; as relações de trabalho com outros maquinistas, marcadas pelo reconhecimento da subalternidade e da associação entre masculinidade e trabalho e, finalmente, a relação de Fio com Distinta, a única mulher com que Fio consegue estabelecer uma relação de afeto genuína sem interesses sexuais.

E assim, o personagem, como um fio, vai entrelaçando em suas vivências as questões de raça e gênero que atravessam as populações negras brasileiras, nas quais os homens negros vivem sob os estereótipos do racismo, fazendo com que esses sujeitos adoeçam psicologicamente e passem a ter comportamentos narcisistas.

Referências

ALBUQUERQUE, Fernando Pessoa de. Um homem sem trabalho não é nada!?: trabalho, classe e masculinidades em serviços de atenção psicossocial. **Fractal: revista de psicologia**, v. 36, p. 1-10, 2024.

ANJOS FILHO, Nilton Correia dos; NEUFELD, Carmem Beatriz. Considerações clínicas no tratamento psicológico de indivíduos que sofrem com o trauma racial. **Blog do Artmed**, 28 mar. 2024. Disponível em: <https://www.artmed.com.br/artigos/trauma-racial-consideracoes-clinicas-no-tratamento-psicologico>. Acesso: 25. set. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BADE, Flavia; ROMANELLI, Geraldo. Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, p. 1-17, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set. 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p. 247-290, 2004a.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem são os meninos que fracassam na escola?. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2004b.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar, ao silêncio da escola**. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, 2006.

EL PAÍS. **Entrevista com Conceição Evaristo/Cultura**. 2017. vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSj1nA>. Acesso em: 15 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento da escritora Conceição Evaristo**. 20 abr. 2013. vídeo. Publicado por Marcos Alexandre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heHftl429U4>. Acesso em: 25 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. São Paulo: Unipalmares, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCISCO, Monica da Silva. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. **Ensaios Filosóficos**, v. 18, p. 97-109, 2018.

FRANCISCO, Monica. Negos pretos em linha de passe: uma leitura sobre a taça das favelas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 30, p. 26-38, nov. 2019.



GONÇALVES, Maria Dayanny. **O sexismo nas relações de gênero no ambiente escolar**. 2019. 82 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Cajazeiras, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, n. 2, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 139-156, 2001.

HOOKS, Bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 677-689, dez. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. IBGE. Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

LANGARO, Flávia Nedeff; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 197-215, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/JyHcMZZkvVVmQMXP9DsrM6K/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 73-101, 2008.

MONSMA, Karl. **A reprodução do racismo**: fazendeiros, negros, e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914. São Carlos: EdUFSCar, 2016

MOREIRA, Greiciellen Rodrigues; MAIA, Claudia de Jesus. **Tradição romântica e transgressão/submissão feminina em Lucíola e Senhora de José de Alencar**. In: IV Seminário de Literatura Brasileira, 2010. Montes Claros: Unimontes, 2010. p. 1-9.

OLIVEIRA, Gabriela Aparecida de; VALDIVIESO, Cristian; CASTRO, Helena Salim de. Gênero e Segurança Internacional na Perspectiva do Sul Global: uma análise das publicações no Brasil e na Colômbia. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v. 9, p. 92-124, 2024.

PERARO, Maria Adenir. Princípio da Fronteira e a fronteira de princípios: filhos ilegítimos em Cuiabá no século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 55-80, 2000.

SILVA, Pereira Priscila; ANDRADE, Laura Freire de. A mulher e a dependência afetiva: Laços de amor que causam dor. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 1, p. 56-78, 2017.

THURLER, Ana Liesi. **Paternidade e deserção**: crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo. 2004. 304 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, UNB, 2004. Disponível em: <https://www.repositorio.unb.br/handle/10482/42177>. Acesso em 25 nov. 2025.

VIVEIROS, Mara Vigoya. **As cores da masculinidade**: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZUCCHI, Juliana Domingues. **Desigualdade de rendimentos entre brancos e negros nos setores público e privado**. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Pós-Graduação em Economia, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90036> Acesso em: 26 ago. 2025.

NOTAS DE AUTORIA

Monica da Silva Francisco (amonicafrancisco@gmail.com) é mãe de Tyson e Yanná Catarina. Professora colaboradora da Especialização em Antirracismo no Ensino de Línguas – Universidade Federal do Sudoeste da Bahia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Racismo – Universidade Federal do Sudoeste da Bahia. Doutora e Mestre em Educação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Licenciada em Letras Português e Literaturas, Filosofia e Pedagogia – UNISUAM.

Agradecimentos

Agradeço a Conceição Evaristo pela produção desse livro maravilhoso.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FRANCISCO, Monica da Silva. Fio Jardim no espelho: uma análise do livro *Canção para ninar menino grande* (2018) de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-16, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 05/04/2025

Revisões requeridas em: 18/09/2025

Aprovado em: 27/11/2025

Publicado em: 15/12/2025

